

## **Leitura, literatura e materiais didáticos nos documentos oficiais da licenciatura em Letras-Português da Universidade Federal do Espírito Santo**

Grande área do CNPq: Ciências Humanas

Área do CNPq: Educação

Título do Projeto: Leitura, literatura e materiais didáticos no Espírito Santo: uma história a partir de múltiplos objetos culturais escritos

Professor Orientador: Maria Amélia Dalvi

Estudante PIBIC/PIVIC: Sérgio Alves de Novais

**Resumo:** *Este subprojeto vincula-se ao projeto “Leitura, literatura e materiais didáticos no Espírito Santo: uma história a partir de múltiplos objetos culturais escritos”. Caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfico-documental, cuja abordagem teórico-metodológica é histórico-cultural, conforme a entende Roger Chartier. As fontes privilegiadas são documentos oficiais (Ementário e Planos de Curso) do curso de licenciatura em Letras-Português da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), bem como os relatórios de Estágio Supervisionado II (Ensino Médio) realizados depois da implementação do currículo atualmente em vigor e as documentos legais da educação brasileira (LDB, PCNEM, OCNEM e Diretrizes para os Cursos de Formação de Professores). Visa a investigar as práticas e representações atinentes à formação inicial do professor de Língua Portuguesa no ensino médio, em relação à leitura, à literatura e aos materiais didáticos, nos documentos oficiais e relatórios de estágio do curso de Letras-Português da UFES.*

**Palavras-chave:** *Formação de Professores. Estágio Supervisionado. Leitura e Literatura. História Cultural.*

### **Introdução**

Este trabalho apresenta resultados de uma pesquisa vinculada ao projeto “Leitura, literatura e materiais didáticos no Espírito Santo: uma história a partir de múltiplos objetos culturais escritos”. A pesquisa em questão foi resultado do Programa Institucional de Iniciação Científica e foi financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo e pela Universidade Federal do Espírito Santo. Intitula-se “Leitura, literatura e materiais didáticos nos documentos oficiais da licenciatura em Letras-Português da Universidade Federal do Espírito Santo” e teve como objetivo investigar as práticas e representações atinentes à formação inicial do professor de Língua Portuguesa no ensino médio, em relação à leitura, à literatura e aos materiais didáticos, em documentos oficiais e relatórios de estágio do

curso de Letras-Português da UFES. Sua base teórico-metodológica é histórico-cultural, vinculada pelo pensamento de Chartier (2009, 2007, 2004, 2003, 2002a, 2002b, 2001, 1998a, 1998b, 1994, 1990).

Tratou-se de uma pesquisa qualitativa, cujo objeto privilegiado foram os relatórios de estágio supervisionado, feitos por estudantes do último ano do curso de licenciatura em Letras da Ufes e os documentos oficiais que regem o curso e a educação superior, principalmente a voltada para a licenciatura em Letras Português. A análise deste trabalho, contudo, mirou em aspectos principais do nosso interesse: a leitura, a literatura e os materiais didáticos, visou compreender melhor a formação do professor de língua materna.

### **Objetivos**

Os objetivos abaixo concentraram a maior parte de nossos esforços e foram satisfatoriamente cumpridos.

- a) Compreender práticas e representações atinentes à formação inicial do professor de Língua Portuguesa para as séries finais do ensino fundamental e para o ensino médio no curso de licenciatura em Letras-Português oferecido pela UFES, a partir da leitura dos documentos oficiais do curso e dos relatórios de Estágio Supervisionado II, atentando especialmente às abordagens da leitura, da literatura e dos materiais didáticos.
- b) Inventariar um corpo bibliográfico-documental que esteja à disposição de outros pesquisadores;
- c) Pensar a formação de professores de Língua Portuguesa âmbito do curso de Letras-Português implementado pela UFES, especialmente no que concerne à leitura, à literatura e aos materiais didáticos;
- d) Participar de eventos científicos e acadêmicos para socialização e debate dos resultados da pesquisa.

### **Metodologia**

Caracterizou-se como uma pesquisa bibliográfico-documental, cuja abordagem teórico-metodológica é histórico-cultural (a partir dos trabalhos de Roger Chartier: 2009, 2007, 2004, 2003, 2002a, 2002b, 2001, 1998a, 1998b, 1994, 1990). A produção, a leitura e a discussão de dados supôs a consideração privilegiada dos documentos oficiais do curso de licenciatura em Letras-Português da UFES, bem como de relatórios de Estágio

Supervisionado II, realizados após a implementação do currículo atualmente em vigor, em diálogo com o referencial teórico eleito.

As fontes que foram priorizadas são textos escritos (livros, artigos e ensaios em livros, periódicos e anais de eventos) e documentos (no nosso caso, priorizamos os documentos verbais escritos). Foram lidas e, em paralelo, anotadas em quadros e fichamentos. Os textos para a pesquisa bibliográfica foram cotejados no primeiro momento da pesquisa, constituindo parte imprescindível da formação do pesquisador essa tarefa de “garimpar”, dentre uma miríade de textos disponíveis em bibliotecas físicas e eletrônicas, aqueles que efetivamente interessam (e estão disponíveis) para sua pesquisa.

Pretendeu-se, neste primeiro momento, também, levantar documentos junto aos responsáveis em cada caso (professores das disciplinas, alunos e ex-alunos, Departamentos e Colegiados de Curso), e em seguida reproduzi-los digitalmente e organizá-los, visando a compor o banco de dados do grupo de pesquisa. Em um segundo momento, foram lidos em separado e em seu conjunto, ou seja, efetivou-se a leitura e discussão dos textos teóricos e dos documentos cotejados.

No quadro abaixo, demonstramos sinteticamente quais foram nossas fontes privilegiadas de análise e como elas se atravessam e atingem seus objetivos.

<b>Tipos de fontes</b>	<b>Tipos de escritas</b>	<b>Crítérios de análise das fontes</b>
Planos de curso, ementas.	Escritas produzidas por professores e agentes educacionais.	Representações de professores sobre conteúdos programáticos e bibliografias utilizadas.
Relatórios de estágio supervisionado.	Escritas que evidenciam o cotidiano e a vivência na escola de alunos de estágio supervisionado.	Representações de alunos do curso de formação de professores em Letras Português da Ufes.
Documentos normatizadores para a educação (LDB, PCN, etc.).	Escritas oficiais de documentos que fazem parte das diretrizes organizadoras para educação.	Representações de diferentes sujeitos sobre o ensino de leitura, literatura e materiais didáticos na escola e a formação adequada do professor de língua portuguesa.

Quadro1: análise das fontes escritas

## **Os dados e análises da pesquisa**

### **1. O livro didático, a leitura e a literatura**

Inicialmente, coletamos 12 relatórios de estágio supervisionado, que compunham o nosso *corpus* e, à medida que fomos lendo, percebemos que a tarefa de analisar todos, no espaço deste relatório final, seria muito difícil, pelo tempo curto de que dispúnhamos. Os relatórios compõem uma tarefa de todo um semestre dos alunos de Letras da Ufes e refletem um pensamento complexo de um grupo de estudantes; deste modo, lê-los detidamente e por completo no espaço-tempo disponível requeriria um esforço enorme que canalizamos para apenas dois deles, escolhidos aleatoriamente e que abordaremos ao longo do nosso trabalho.

Os estudantes de estágio, ao avaliarem o livro didático *Português: linguagens*, fazem considerações acerca dos aspectos gerais da obra e as impressões primeiras que tiveram ao lê-lo: “uma leve folheada no livro mostra suas páginas coloridas de imagens.... para estudioso nenhum colocar defeito na proposta de considerar, além da linguagem verbal, a imagética” (RELATÓRIO 1). Novamente, mais adiante, o aluno lembra o aspecto imagético, o qual, destaca ele, tem uma supervalorização em detrimento da “linguagem verbal”, e continua, a partir de uma citação bibliográfica, “ênfatisa muito mais o projeto gráfico-editorial do que a mudança do que seja ensinar literatura” apud (RELATÓRIO 1). A preocupação do aluno é evidente quanto ao desequilíbrio entre os elementos: linguagem verbal (literatura) e outros elementos artísticos como a arquitetura, as artes plásticas, as inferências às artes visuais e a elementos da linguagem virtual como *games*.

Notamos que, de certo modo, há um saudosismo do aluno por tempos passados, nos quais havia o livro de leitura, um dos principais objetos para se estudar a leitura e tornar-se um “letrado” na escola. Esses livros contemplavam textos diversos, numa compilação dos mais variados gêneros literários. Ao demonstrar inclinação a antigas práticas de leitura, os estudantes de certo modo rechaçam o momento de profunda transformação em que vivemos e, portanto, em que eles mesmos, certamente, estão inseridos, seja diretamente fazendo uso das tecnologias para o estudo ou para preparar suas aulas, como mais um meio que agrega conteúdos, seja indiretamente, recebendo informações das mídias: televisão,

rádio, recebendo e-mails ou tendo que administrar seus alunos, postos constantemente em contato com as redes sociais e a internet, inclusive utilizando-as durante o período de aula.

Ao concluírem a análise, os estudantes recaem novamente em uma proposta de utilizar coletâneas de textos literários para sala de aula. Eles defendem que os textos podem ser levados para sala de aula como complemento do trabalho proposto pelo livro didático e não como uma proposta pedagógica diferenciada, que rompe obrigatoriamente com o uso do livro didático. Finalmente o capítulo conclui-se, assinalando a importância da informação na internet, por meio da qual é possível buscar “trechos cortados” do livro didático para utilizá-los integralmente em sala, dessa forma, segundo a análise, o livro não é mais que um orientador, portanto, nunca poderá ser o conteúdo único e obrigatório.

Em outro capítulo do relatório, os estudantes caracterizam o livro didático de “obra de referência rápida”, porque, segundo a análise deles, há apenas um único poema completo no capítulo sobre o qual se debruçam, portanto, deste modo, não funciona nem mesmo como coletânea de textos. Para os alunos de estágio, o livro didático para estudo de literatura não cumpre com o papel para o qual foi desenvolvido, ele somente pretende informar pelo acúmulo de informação, dando ênfase à categorização em vez da “apreensão da literatura e sua constituição de criação”.

No relatório II, gostaríamos de chamar a atenção para a avaliação positiva que as estudantes-estagiárias fizeram do livro didático *Português: linguagens – volume I : ensino médio, literatura – produção de texto – gramática*, de William Roberto Cereja e Tereza Cochar Magalhães. Nos trechos “o livro se apresenta atrativo para o público ao qual se destina”, percebemos um novo direcionamento para conteúdos que contemplem esse novo contexto, no qual a sociedade está cada vez mais inserida em grandes volumes de informação. Na atualidade, em que muitos estudantes estão fazendo uso massivo da informação, incorporados desde muito cedo, com naturalidade, as relações de comportamento, diálogo e compreensão se dão de forma bem diferente, levando-se em consideração experiências obtidas pelas mídias e, principalmente pela imersão na rede, internet.

Com relação a esse novo cenário dinâmico, interativo, notamos que ele impacta de maneira contundente nos conteúdos e nos meios de ensinar. Conteúdos mais atrativos e reformulados à realidade do aluno se tornaram indispensáveis ou ao menos privilegiado em nosso tempo. Estes conteúdos, a fim de serem mais interessantes aos alunos repercutem sob a forma de uma maior utilização de imagens no livro didático, por exemplo, uma maior utilização das diversas mídias na escola e, uma maior valorização de conteúdos culturais, como é o caso do cinema, a música e diversas outras artes que são cada vez mais contemplados na escola. Essa tendência, também, é objeto avaliações externas como o ENEM nacional e as avaliações regionais. Isso significa dizer que crescem as expectativas de utilização de conteúdos multidisciplinares que abordam ou utilizam multimeios de linguagem, capazes de ligar os conteúdos tradicionalmente contemplados pela escola e outros conteúdos que veem ganhando força pela massiva utilização das mídias.

O livro didático incorporou essas mudanças e emprega conteúdos tradicionais às tendências do nosso século. Concordamos com a análise das estudantes-estagiárias, de que o livro didático é uma “ferramenta importante”, mas nunca deve ser a “única referência”, cabendo ao professor valer de seu espírito de pesquisador para trazer aos seus alunos outras referências e fontes para o conhecimento.

## **2. Leitura e literatura na formação docente e na prática pedagógica**

O tema seguinte do relatório dos estudantes foi o planejamento das atividades de estágio, compreendidas ainda: 1) a prática – organização pedagógica e desenvolvimento da aula; 2) o planejamento anterior e a avaliação das atividades executadas. A atividade escolhida previamente foi a produção textual de um gênero literário, o apólogo. A apropriação e produção de um texto literário, apesar do tempo demandado, realizou-se como uma atividade relativamente rápida de execução, haja vista que os estudantes planejaram a atividade para a conclusão em duas aulas, ou seja, o fator tempo X execução e avaliação concorrem para uma aula desse tipo (produção de texto), em que é possível observar a regência de aula do aluno-estagiário e sua avaliação quanto ao aprendizado ou aproveitamento de seus alunos.

Segundo as diretrizes para a educação superior, os problemas enfrentados na organização e execução do estágio são muitos, mas a pontualidade e o entendimento de que essa é uma concepção totalmente de caráter prático, revela ser seu maior desafio.

Outro problema refere-se à organização do tempo dos estágios, geralmente curtos e pontuais: é muito diferente observar um dia de aula numa classe uma vez por semana, por exemplo, e poder acompanhar a rotina do trabalho pedagógico durante um período contínuo em que se pode ver o desenvolvimento das propostas, a dinâmica do grupo e outros aspectos não observáveis em estágios pontuais. Além disso, é completamente inadequado que a ida dos professores às escolas aconteça somente na etapa final do curso, pois isso não possibilita que haja tempo suficiente para abordar as diferentes dimensões do trabalho de professor, nem permite um processo progressivo de aprendizado. (MEC, 2000, p. 30)

Noutro ponto os estudantes-estagiários relatam a vivência literária na escola e analisam como exitosa as atividades desenvolvidas. Eles previram, como já foi dito, duas aulas para a implementação das atividades, tendo sido destinada a primeira aula para “um bate-papo”, debate sobre os elementos textuais (alegorias, animações, etc.) e a segunda aula destinada à retomada das explicações e, efetivamente, à criação textual pelos alunos. No que concerne ao desenvolvimento das atividades é interessante notarmos as práticas de leitura adotadas pelos estudantes-estagiários. Tais condutas atestam e corroboram com iniciativas comumente já conhecidas e muito difundidas na educação, de que é preciso propor ou tornar o aprendizado uma atividade menos “penosa” para o estudante, tornando-a, necessariamente, mais uma atividade de interação, em que eles possam aprender de forma prazerosa.

Nota-se no roteiro dos estudantes uma inclinação em criar um ambiente mais aconchegante e propício a uma conversa, ao reorganizar a sala de aula em um círculo, de modo que todos possam se olhar enquanto conversam. Além disso, os estudantes-estagiários, professor e alunos fizeram uma leitura conjunta, cada um representando uma personagem da ficção. Essas decisões podem aproximar professores e alunos, tornar a aula menos monótona, pois talvez seja necessário romper com a hierarquia professor-aluno, ao menos quando se pensa em leitura. Deve ser dado ao aluno o poder de tornar o texto Seu, ou seja, que ele possa fazer as apropriações que lhe aprouverem, cabendo ao papel de professor de limitar o direito às interpretações infinitas, como uma “lei”, que mostra o que pode ser feito sem ultrapassar o limite.

Certamente, algumas atitudes, tanto de estudantes que estão se tornando professores quanto de professores atuantes, revelam uma tentativa de tornar o exercício do ensino-aprendizado mais atrativo, frente ao sucesso da revolução da informação. Não é possível conceber aulas extremamente às margens da tecnologia da informação. Melhor seria se a reaproximação da escola com o aluno se desse com o auxílio dos usos da tecnologia da informação, por meio de formação continuada, munindo os profissionais da educação com o que há de mais moderno na área do saber. Entretanto, não sabemos se somente as políticas públicas para a educação seriam suficientes para torná-la outra, mais eficaz e mais atrativa. Contudo, nos parece que iniciativas voltadas para a formação e valorização do professor são as mais promissoras desse processo, em que coexistem antigas práticas advindas de um modelo europeu, em franco declínio e práticas inovadoras, mas preocupadas com a influência da imensa quantidade de informação que atravessa e põe em cheque antigos modelos de escola, principalmente, quando pensamos na linguagem e os novos modos de leitura.

Os PCNEM trazem em seu discurso à discussão das tecnologias, mas, ao contrário do que percebemos, de realidades nas quais professores sequer têm o mínimo de formação para utilizá-las, essas diretrizes abordam as tecnologias não de uma maneira problematizada, elas, apenas direcionam no sentido de formação de profissionais nessas áreas.

Estas e muitas outras facetas do múltiplo fenômeno que é a tecnologia no mundo contemporâneo constituem campos de aplicação – portanto, de conhecimento e uso de produtos tecnológicos – ainda inexplorados pelos planos curriculares e projetos pedagógicos. No entanto, além de sua intensa presença na vida cotidiana, essas tecnologias são as que mais se identificam com os setores nos quais a demanda de recursos humanos tende a crescer. Sem abrir mão do “discurso sobre as tecnologias”, as Linguagens e as Ciências Humanas e Sociais só se enriquecerão se atentarem mais para as aplicações dos conhecimentos e capacidades que querem constituir nos alunos do Ensino Médio (MEC, 2000, p. 96).

Nos quadros abaixo realizamos uma análise dos relatórios de estágio, a partir de três eixos: diagnóstico e caracterização escolar pelos estagiários; análise dos estagiários e observação da vivência escolar e; análise e observação do professor titular da escola e da supervisora.

<b>Relatório I</b>	
Diagnóstico e caracterização escolar pelos estagiários	Há caracterização do Colégio Estadual do Espírito Santo sob a ótica dos estudantes estagiários. Eles comentaram muito brevemente qual público escolar daquela unidade, fazendo menção de maneira generalizada da região ou cidade onde



	<p>moram os discentes. Eles citam também, de maneira breve, que alguns estudantes da unidade trabalham ou estagiam na região próxima do colégio. Apesar de não caracterizar a fundo o público escolar da unidade, os estudantes emitiram sua opinião qualitativa favorável a esses, “seu corpo discente de grande qualidade”, inclusive, reforçando esta ideia. Apresentam um leque de autoridades ou ocupantes de altos cargos públicos que já frequentaram o Colégio Estadual do Espírito Santo, “governantes do Estado, pessoas de grande representação política e social”. Finalmente, os estagiários concluem em seu diagnóstico que, apesar do colégio não escapar de problemas que assolam outras unidades, ele (Colégio Estadual do Espírito Santo) é considerado referência no ensino, “nem por isso deixou de ser o grande e renomado Colégio Estadual do Espírito Santo”. A opinião dos estudantes estagiários talvez reforce uma representação mais antiga das grandes escolas de referência no ensino, cujo alunado geralmente pertencia às classes econômicas mais altas, detentoras de um prestígio social e cultural valorizado. Esse cenário gerava fluxos a fim de manter o ciclo de perpetuação de privilégios das camadas econômicas de maior poder aquisitivo, em detrimento de saberes populares, desprezados por um longo tempo, pela sociedade, pela escola e, principalmente, pelas escolas de referência. Os estudantes destacam em seu diagnóstico o importante prestígio do Colégio Estadual fundado em pilares firmes da tradição, “o Colégio Estadual é uma escola que preza pelo seu prestígio, tem uma história alicerçada e edificada em um passado de grandes conquistas”, finalizam sua frase destacando a representação que têm do colégio e, com certeza, reforçado pela sociedade, “exerce um grande destaque no cenário capixaba”.</p>
Análise dos estagiários e observação da vivência escolar	<p>Podemos observar que na descrição feita pelos estudantes-estagiários da sua vivência escolar está presente a referência à escola com toda sua estrutura funcional; o professor e suas relações professor-professor, professor-aluno, professor e demais técnicos; e, por fim, o aluno e sua relação com o professor e o compromisso com os estudos. Quando falam da escola “Colégio Estadual”, os estudantes-estagiários demonstram um apreço pela estrutura física e os equipamentos disponíveis à comunidade escolar. Ressaltamos no relato a percepção do estudante quanto à estrutura física da escola, que a difere de outras, “é que tudo parece mais organizado e articulado. Por exemplo, percebi, pelo elevador e pela rampa, que houve adaptação para alunos cadeirantes e, também, que o acesso aos diversos ambientes foi bem planejado”.</p> <p>Quanto às aulas, percebemos também, a mesma consideração positiva, ainda uma vez, a percepção dos</p>

	<p>estudantes se revela um tanto satisfatórias, apesar de percalços, “o elevador parou de funcionar, a máquina copiadora pifou e não havia mais impressoras que pudessem ser utilizadas”, havia também a falta de conexão à internet, tudo isso em um único dia. Chamamos atenção para uma preocupação exposta no relatório e que, de certo modo, encontra eco em outras vozes. O relato dos estudantes demonstra muita preocupação com a falta de tempo enfrentada pelos professores, em sala de aula, para ministrar seu conteúdo, e desabafam, “o agravante é que não há um dia em que algo fora do plano de aula não ocorra”. O relatório nos faz pensar que o bom andamento das aulas prescinde de muitos itens. O principal deles seria o planejamento, mas não apenas o planejamento da aula pelo professor. Deverá ter um plano, também, a escola, no qual estejam previstos o auxílio aos professores em momentos de maior tensão, ou seja, um plano para minimizar interferências na rotina traçada pelo professor para sua aula, dando-lhe condições mínimas para ministrar os conteúdos previstos.</p>
Análise e observação do professor titular da escola e da supervisora	<p>Infelizmente, não tivemos muitos dados a analisar nesse tópico. Consideraríamos de suma importância termos material crítico fornecido pelos professores quanto à avaliação dos estudantes-estagiários. Contudo, nos deteremos a alguns indícios de suas falas para tentarmos perceber “rastros de representações”, para o que seria a adequada condução de uma aula, ou ainda, a adequada formação do professor.</p> <p>Percebemos no relatório dos estudantes a deficiência em leitura por parte dos alunos do Colégio Estadual. Mas, sabemos que se estende por muitas escolas essa falta do hábito de ler ou a consciência de que a leitura é uma necessidade sócio-cultural nas sociedades dos letrados. O exemplo do Colégio Estadual deixou claro essa deficiência em leitura. Os estudantes relatam claramente as dificuldades em leitura enfrentadas pelos alunos, que tinham a missão de ler obras completas e comentá-las para toda a turma. A estudante descreve o problema numa dessas apresentações, “começou uma desvairada narrativa incoerente para dizer que não entendeu o texto <i>A moreninha</i>”. Outro momento do relatório, os estudantes-estagiários concluem o que os especialistas muito já sinalizaram: a enorme deficiência em leitura que assola nossos estudantes, "seus alunos parecem nunca ter lido um livro antes de conhecê-la." Todavia, o discurso da professora regente e as práticas por ela dotadas, apontam sem dúvida para o enfrentamento desse problema, como um dever profissional e cidadão. Podemos ir além, talvez seja a construção de uma identidade por parte da professora, daquele que escolhe ser um apreciador da leitura</p>

	<p>e deve vivê-la, a docente “fez um discurso aclamado sobre o amor à Literatura, que os alunos se encheram, felizes, quanto à possibilidade de não entender a coisa”.</p> <p>A análise da professora supervisora se concentrou, sobretudo, na cobrança crítica por parte de seus alunos, isto é, da necessidade de seus alunos avaliarem criticamente a experiência docente e de formar também uma experiência crítica com a própria proposta de trabalho sugerida. Contudo, mesmo com informações restritas dos relatórios, pode-se observar que seus estudantes estavam muito preocupados com os materiais didáticos analisados, problematizando seu uso como objeto propiciador da leitura em sala de aula.</p>
--	---

Quadro 2: análise do relatório I

<b>Relatório II</b>	
<p>Diagnóstico e caracterização escolar pelos estagiários</p>	<p>Analisando o segundo Relatório de estágio supervisionado II, percebemos que há poucos questionamentos quanto à organização, a estrutura física e o corpo docente e técnico da escola. Há apenas uma menção quanto a situação desfavorável no que tange a classe social dos alunos. O que notamos no relato é que estes têm limitações, impostas, no que concerne aos bens e o capital.</p> <p>Ao analisar as leituras das estudantes-estagiárias, percebemos algo muito interessante relacionado com a localização da escola e os estudantes que ali frequentam. A localização da escola e onde a maioria dos estudantes habitam, segundo o relatório, nos pareceu destoada, do ponto de vista de atender uma demanda majoritária de alunos que moram distante das imediações da escola. Outro ponto que chama atenção nos relatórios, diz respeito ao bom andamento de todas as demandas da escola Irmã Maria Horta. Segundo as estudantes, a escola não tem problemas estruturais relevantes, apenas faltam rampas de acesso. Seu corpo profissional como um todo, podemos inferir que é irretocável. Apenas os setores de limpeza e conservação são mantidos por profissionais terceirizados, o que não chega a ser um problema, ao menos não foi discutido. Com relação ao corpo discente, destaca-se um abismo que há entre a maioria dos seus, cuja família recebe cerca de 4 salários-mínimos e a classe média alta que cerca as redondezas da escola, cuja média salarial ultrapassa 10 salários-mínimos. A partir dessa leitura, nos veio forçosamente uma imagem, de uma escola ilhada, em meio a grandes edifícios, cada vez mais envolta pelo desenvolvimento, resistente à ocupação acelerada. Será que se olharmos além das leituras dos estudantes, não gostaríamos que também ela (a escola), se</p>

	<p>tornasse um espaço diferenciado de ocupação, onde a sociedade estudantil e suas famílias pudessem se encontrar frequentemente, e assim, promovessem a aproximação da sociedade e a escola, facilitando discussões, encontros, atividades culturais, artísticas e esportivas?</p> <p>O questão do distanciamento da escola e a sociedade, toma corpo na leitura das estudantes. Embora citado no relatório, num tom descritivo, percebemos que as estudantes criticam esse distanciamento da escola e a sociedade, uma vez que, retomam a questão em diversos momento da relatoria. Segundo elas, a maioria dos alunos daquela escola são de bairros distantes ou até outros municípios, “apenas 3% dos alunos moram no bairro”. Pensamos que com isso, a escola deixa de ser uma opção para que os alunos a frequentem fora de seu turno de estudo. Para nós, ficou bem claro que este aspecto, impacta no distanciamento entre a escola e a comunidade e, no trecho do relatório II ratifica essa conclusão, “a comunidade <i>externa</i> à escola tem uma visão diferente da comunidade escolar que utiliza todos os ambientes”. Percebemos que neste contexto, programas governamentais como escola aberta, que abre as portas das escolas fora do seu turno de trabalho perdem seu fundamento primordial, que é trazer a sociedade para a escola. Como trazer a sociedade para a escola e torná-la ainda mais, um espaço de convivência e interação, se nem mesmo os alunos que lá estudam, a frequentam, por conta das dificuldades de localização?</p>
Análise dos estagiários e observação da vivência escolar	<p>No relatório II notamos que as estudantes tiveram uma preocupação maior em relatar as experiências em sala de aula, especialmente à relação com os alunos em sala, sua (in)disciplina, atenção e interesse, aliás, o interesse por parte dos alunos, segundo as estudantes-estagiárias ficou prejudicado pelo fato dos discentes entenderem que, também, as estudantes-estagiárias eram alunas de sua instituição e também, seriam avaliadas, assim, “sob o ponto de vista deles (alunos), não pudésemos pretender ter sobre eles a influência ou autoridade que um professor geralmente maneja ou que deve sustentar”. Este entendimento de que o professor tem controle sobre os alunos ou que suas aulas devam transcorrer plenamente bem, da forma com que foram planejadas, já havia sido relatado no relatório anterior. Esse entendimento nos permite pensar que estudantes em fim de curso, prestes a ingressar em uma escola, têm uma noção turva do que seja o trabalho do professor em sala e suas implicações.</p> <p>Os PCNEM dizem no trecho aprendendo a viver que, “trata-se de aprender a viver juntos, desenvolvendo o conhecimento do outro e a percepção das interdependências, de modo a permitir a realização de projetos comuns ou a</p>

	<p>gestão inteligente dos conflitos inevitáveis”(PCNEM, 2000, p. 16).</p> <p>Na relação professor-aluno, sempre haverá atritos, como em toda relação humana, permeada por divergências e, até mesmo o conflito é salutar nessa relação, onde quem ganha é a diversidade de ideias e a produção de saberes. Entendemos essas leituras símile, como um desejo a um tipo idealizado de comportamentos e processos que se espera do aluno e, que na realidade são bem diferentes.</p>
Análise e observação do professor titular da escola e da supervisora	<p>Neste relatório vimos poucas intervenções das professoras envolvidas diretamente com a atividade de estágio das estudantes. O direcionamento crítico que elas possam ter feito junto às estudantes, não se mostrou de forma explícita, mas sabemos que a condução e a análise das estudantes, sobre documentos normatizadores, sobre a reflexão das leituras levadas a termo, têm reflexos no trabalho focado particularmente pela importância que se dá a leitura, principalmente a leitura literária, no aprendizado de língua portuguesa. Vimos que as estudantes concentraram seu trabalho em torno da relevância da leitura, a partir de fontes documentais que compreendem desde a concepção do que seja o trabalho do professor, seu planejamento e engajamento no ensino e, a materialização de todo um ciclo, com o fim dos estudos no ensino básico, que reflete de alguma forma em avaliações previstas em vestibulares e o ENEM. Em fim, destacamos o trabalho empreendido com a leitura, que visa investigar quais são as representações de leitura que as diversas esferas têm desse objeto, ressaltando ainda uma vez, às apropriações que cada grupo faz da leitura, especialmente, professores e estudantes. Por fim, queremos destacar a problematização feita em torno do livro didático, na qual, as estudantes-estagiárias se mostraram reflexivas com os conteúdos analisados e sobretudo, com a nova linguagem proposta no livro analisado.</p>

Quadro 3: análise do relatório II

## Conclusão

As possibilidades de abordagem da disciplina estágio são muitas, sabemos, no entanto que ela permanece sendo tratada como mais um meio de incluir a prática na experiência dos estudantes. Ela se restringe, principalmente, a fornecer ao estudante uma experiência muito pontual de contato com a escola, não permitindo aos futuros professores ter uma experiência efetiva, significativa e concreta, passando por problemas do cotidiano escolar, de modo que possam experienciar o contato com o projeto pedagógico da escola e viver o ambiente para o qual vão se candidatar ao trabalho de educar.

Vimos, porém, que a dificuldade enfrentada pela instituição formadora e escola de trabalhar em conjunto resulta em atividades muito efêmeras, que impossibilitam o estudante de imergir, se desenvolver e engajar-se profundamente com os projetos escolares, como consequência disso, vimos visões conturbadas do que seja o trabalho do professor, suas limitações e possibilidades.

Apesar de fortes problemas que ocorrem no estágio, como já relatamos, inclusive no relato dos estudantes, estes, ao analisarem a atividade, deixam perceber a falta de criticidade, frente esse processo que deveria ser de profunda reflexão entre ele (estudante-estagiário), futuro professor e o ensino de língua materna.

Percebemos, também, apesar de inúmeras dificuldades, que houve uma relevante preocupação com a leitura, destacada no relatório I e II e que tinha como fim estimular e tornar agradável esta atividade, para que os alunos se sentissem encorajados a fazer suas contribuições e apropriações e tomassem consciência da importância da leitura e da literatura. Posicionar-se criticamente frente às influências e as novas mudanças impostas pelo novo cenário, amplamente marcado pelo largo uso da tecnologia, revela ser um desafio difícil, aliás, com a crescente demanda pela tecnologia, seja para momentos de lazer, como ler um livro em meio digital, seja para a qualificação profissional, saber utilizar as ferramentas de comunicação para o trabalho é imprescindível, ou seja, será preciso oferecer aos nossos estudantes-estagiários o mínimo de saber necessário, para que eles saibam aproveitar ao máximo os recursos tecnológicos, e que possam dialogar com os saberes dos seus alunos, a fim de potencializar o ensino-aprendizagem na escola.

Enfim, observou-se no conjunto dos relatórios (dos quais os relatórios I e II aqui mencionados são representativos) que: valoriza-se a leitura e a literatura; oscila-se entre criticar e sobrevalorizar o livro didático adotado pelo escola campo; há pouca criticidade nas descrições e análises da experiência prática; a prática ainda é pontual e insuficiente; a leitura, a literatura e os materiais didáticos na formação teórico-prática no estágio supervisionado parecem, pelo que se lê nos relatórios, carecer de tratamento mais aprofundado ao longo do currículo da licenciatura.

## Referências

- BRASIL, (2000). Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio*. Brasília, DF.
- CHARTIER, R. (2009). *A história ou a leitura do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica.
- CHARTIER, R. (2007). *Inscrever e apagar: cultura escrita e literatura, séculos XI-XVIII*. São Paulo: Unesp.
- CHARTIER, R. (2004). *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. São Paulo: Unesp.
- CHARTIER, R. (2003). *Formas e sentidos. Cultura escrita: entre distinção e apropriação*. Campinas, SP: Associação de Leitura do Brasil; Mercado de Letras.
- CHARTIER, R. (2002a). *Os desafios da escrita*. São Paulo: Unesp.
- CHARTIER, R. (2002b). *À beira da falésia: a História entre certezas e inquietudes*. Porto Alegre: EdUFRS.
- CHARTIER, R. (2001). *Cultura escrita, literatura e história: conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborito*. Porto Alegre: Artmed.
- CHARTIER, R. (1998a). *A aventura do livro: do leitor ao navegador. Conversações com Jean Lebrun*. São Paulo: Unesp.
- CHARTIER, R. (Org.). (1998b). *As utilizações do objecto impresso*. Lisboa: Difel.
- CHARTIER, R. (1994). *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVII*. Brasília, DF: UnB.
- CHARTIER, R. (1990). *A história cultural entre práticas e representações*. Lisboa: Difel.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. (2000). *Proposta de diretrizes para a formação inicial de professores da educação básica, em cursos de nível superior*. Brasília, DF.